

Paraná | Novembro de 2010 | Edição 03

ILUSTRAÇÃO: FRANCIS RODRIGUES

Dolores Del Fuego  
Giovanna Lima  
Jéssica Carvalho  
Consolação S. Buzelin  
Camila Rodrigues  
Sandi Bart  
Daniel Zanella

# Relevo

# Editorial

O jornalismo impresso brasileiro sempre esteve associado aos cofres públicos. A publicidade estatal sucessivamente nutriu o setor, injetando dinheiro popular no custeio das máquinas editoriais, não raro também interferindo no posicionamento político dos veículos. Utopia acreditar em publicidade técnica. Sejam mais mundanos: a verba governamental transpassa interesses sociais, valores éticos elevados, consciência da importância dos periódicos. É questão política, jogo de influência.

O Relevo não será mais um periódico drenado com dinheiro de

impostos. Não veicularemos quaisquer propagandas de instituições públicas. Buscaremos na iniciativa privada, nas empresas e comércios vinculados à área cultural o suporte necessário para a manutenção de nosso projeto literário.

Sabemos, naturalmente, das dificuldades envolvidas nessa decisão, mas acreditamos que não cabe ao poder público o investimento direto em nosso jornal. Mais digno é que invistam esse dinheiro em educação, em espaços culturais, em projetos de formação de leitores ou simplesmente nos ajudem divulgando o jornal, abrindo espaço em suas

*“Por aquilo que eu publico, peço apenas a compreensão dos leitores; mas, por aquilo que descarto e atiro à cesta de lixo, mereço o aplauso imortal”,*  
Alexander Pope.

repartições para que deixemos nossos exemplares.

Por outra parte, pode ser que um dia precisemos do investimento do leitor. Caso isso de fato aconteça, planejaremos pacotes de assinaturas, tabelaremos o jornal para venda em bancas. Caberá ao leitor a decisão de gastar ou não seus honorários.

Por enquanto, agradecemos intensamente o grupo de anunciantes que faz possível a realização dessa edição e o corpo de leitores que vem prestigiando o jornal. Se vida longa ou vida breve ao Relevo, não sabemos.

**Uma boa leitura a todos.**

## Colaboradores

### Consolação Soranço Buzelin

Poeta, contista e cronista, publicou “Nó de Laço”, livro de poemas, pela editora Nova Cultural, em 2006, e integra algumas coletâneas por editoras independentes.

### Giovanna Lima

Poeta e cronista, cursa 8º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Está desenvolvendo trabalho de conclusão de curso sobre a crônica e publica seus textos nos endereços [www.eufemismosehiperboles.blogspot.com](http://www.eufemismosehiperboles.blogspot.com) e [www.avessos.com.br](http://www.avessos.com.br)

### Camila Rodrigues

Cursa 6º de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona e publica seus textos no endereço [relaxeblogue.blogspot.com](http://relaxeblogue.blogspot.com)

### Francis Rodrigues

Artista plástico, especializado em História da Arte Moderna e Contemporânea, formado em Pintura e Tecnologia em Artes Gráficas. Seu endereço é [www.francisrodrigues.com.br](http://www.francisrodrigues.com.br)

### Sandi Bart

Formado em Letras Português / Inglês, redator, publica seus textos no endereço [www.umpontoeoutrapalavra.blogspot.com](http://www.umpontoeoutrapalavra.blogspot.com)

### Marcos Monteiro

Cursa 2º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona e publica suas fotografias no endereço [flickr.com/marcos\\_fe](http://flickr.com/marcos_fe) e textos no endereço [disfim.wordpress.com](http://disfim.wordpress.com)

### Daniel Zanella

Cursa 2º período de Jornalismo na UP, colabora com alguns impressos e sites da região metropolitana de Curitiba e integra algumas coletâneas de crônicas por editoras independentes. Também colabora com o Lona e publica suas crônicas no endereço [www.letrasnumcanto.com.br](http://www.letrasnumcanto.com.br)

### Jéssica Carvalho

Cursa 4º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona e escreve sobre cinema para o blog da Rádio Mix Curitiba. Publica suas crônicas no endereço [www.tudoalheio.blogspot.com](http://www.tudoalheio.blogspot.com)

### Dolores Del Fuego

Escritora paulista, cursa o 6º período de Moda na Universidade de São Paulo. Trabalha na área de produção, tem seu primeiro livro encaminhado e publica seus textos no endereço [www.ownblues.blogspot.com](http://www.ownblues.blogspot.com)

### Mad

Fotógrafo, cursa 4º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona.

# “SEM HEROÍSMO”

Mesmo em Camus – esse amor pelo heroísmo. Então não há outro modo? Não, mesmo compreender já é heroísmo. Então um homem não pode simplesmente abrir uma porta e olhar?

*Clarice Lispector*

## ✓ Expediente

**Edição:** Daniel Zanella

**Revisão:** Sandi Bart

**Diagramação:** Elvis Ferreira dos Santos

**Impressão:** Gráfica Helvética

**Tiragem:** 2000

**Edição finalizada em:** 25 de outubro, 20h.

## ☞ Contato

Jornal Relevo no Twitter: [www.twitter.com/jornalrelevo](http://www.twitter.com/jornalrelevo)

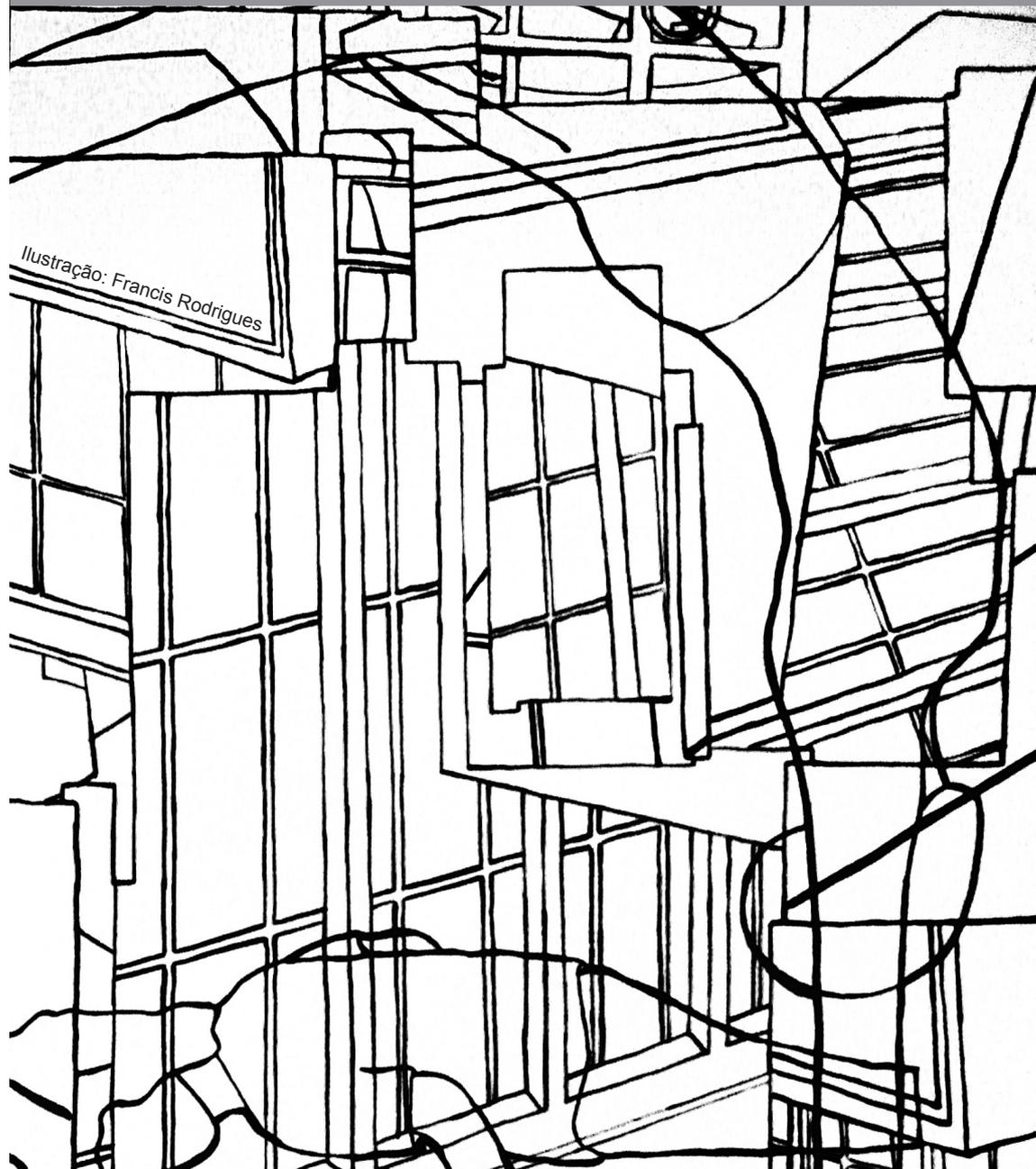
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)



O Relevo não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

# Recenseamento de Um Campo / Missi

Daniel Zanella



O gato aqui da casa ao lado é avesso à prática de exercícios. É um gato que evita escalar muros, subir em telhados, desviar dos carros e correr de eventuais predadores. É um gato lento em branco e preto.

O gato aqui da casa ao lado é barulhento, escandaloso, diriam os mais impacientes. Anuncia-se de longe quando está chegando em sua hospedagem, e por se tratar de um gato avesso à prática de exercícios, não consegue passar entre os vãos do portão. Alguém tem que ir lá auxiliá-lo.

(E os cães ficam alvoroçados.)

É um gato insistente quando constituído de um propósito. Mia, mia, mia sem parar. Até ver correspondidas suas exigências, geralmente gastronômicas.

O gato aqui da casa ao lado não gosta muito dessa coisa de chamego. Sempre que alguém busca uma aproximação ou inventa de pegá-lo no colo, seu descontentamento é imediato e amplamente perceptível - até que seja solto. Aí ele volta a se esparramar no

chão. De preferência, onde bate sol.

É um gato de modos imperiais. De manhã ele dorme em qualquer local onde não seja perturbado. E onde faça calor. Final de tarde ele se espreguiça um pouco e, geralmente, passeia pelo campo atrás da casa ao lado. Invariavelmente dorme no meio do trajeto, deitando na grama molhada.

Ontem à noite ele apareceu com um talho acima dos olhos, uma ferida enorme, sangrando de forma preocupante. Relatos dão conta de que levou uma pedrada durante sua última turnê vespertina pelo campo.

O campo atrás da casa ao lado é habitado por espécies diversas. Vejam só:

- Dois cavalos. Magérrimos.
  - Uma mula de focinho cinza.
  - Um filhote de mula. De focinho cinza.
  - Dois cães. Um rottweiler de quinze anos, reflexos ambíguos e aproximadamente trezentos quilos. Um cocker spaniel hiperativo. Amarelo. Dois canis.
  - Alguns pássaros.
  - Alguns gatos da vizinhança.
  - Algumas crianças, que jogam bola no final da tarde.
  - Outros (uma vez, durante uma chuva ininterrupta de seis dias, apareceu um cágado aqui na porta de casa. Receio que tenha migrado do lago que se formou na antiga pequena área do campo).
  - Outras crianças, que aguardam a vez de jogar bola no final da tarde.
- Não sei por quê, leitor, agora me abateu um certo desencanto pelo gênero humano.
- Vou escrever fim.  
Fim.

**EXATO**  
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico  
Preparatório - Graduação Pós-Graduação  
Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

# Sacada

Giovanna Lima

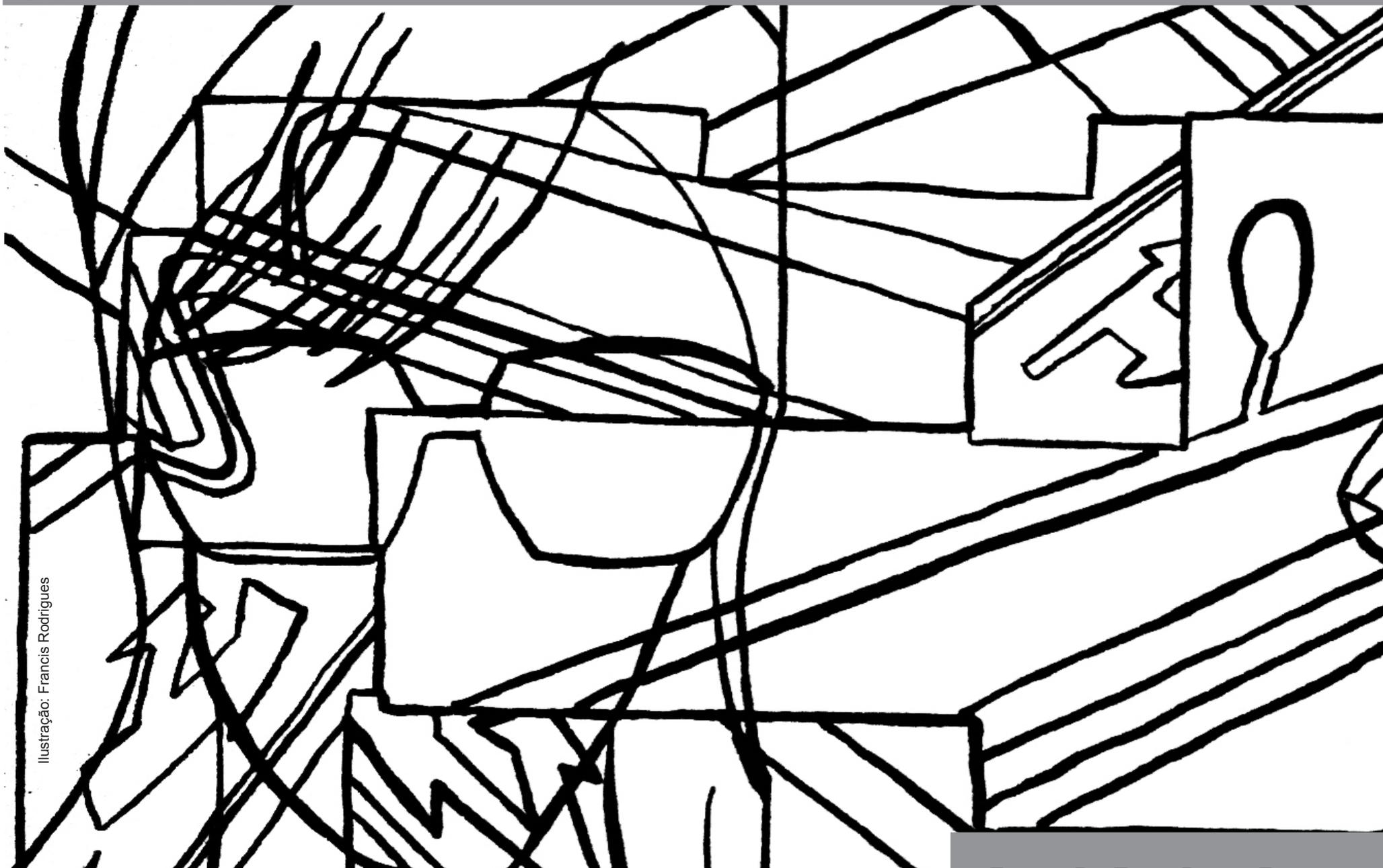


Ilustração: Francis Rodrigues

Só escuto o guardinha dando seus apitos rotineiros. No mais, a cidade está silenciosa. Resolvi escrever em um lugar diferente, fora do meu quarto, azul de tanta fumaça de cigarro. Estou sentada na rede, na sacada do quarto dos meus pais. Não sei por que insisto em chamar de quarto-dos-meus-pais, já que minha mãe não mora mais aqui. Uma neblina roxa acinzentada domina todo meu campo de visão para as construções mais distantes. Vejo prédios de vários tamanhos e formas, mas meio ofuscados devido à neblina. Uma chuva fina, quase imperceptível, cai do céu. Só consigo enxergá-la devido à luz amarelada do poste aqui da frente.

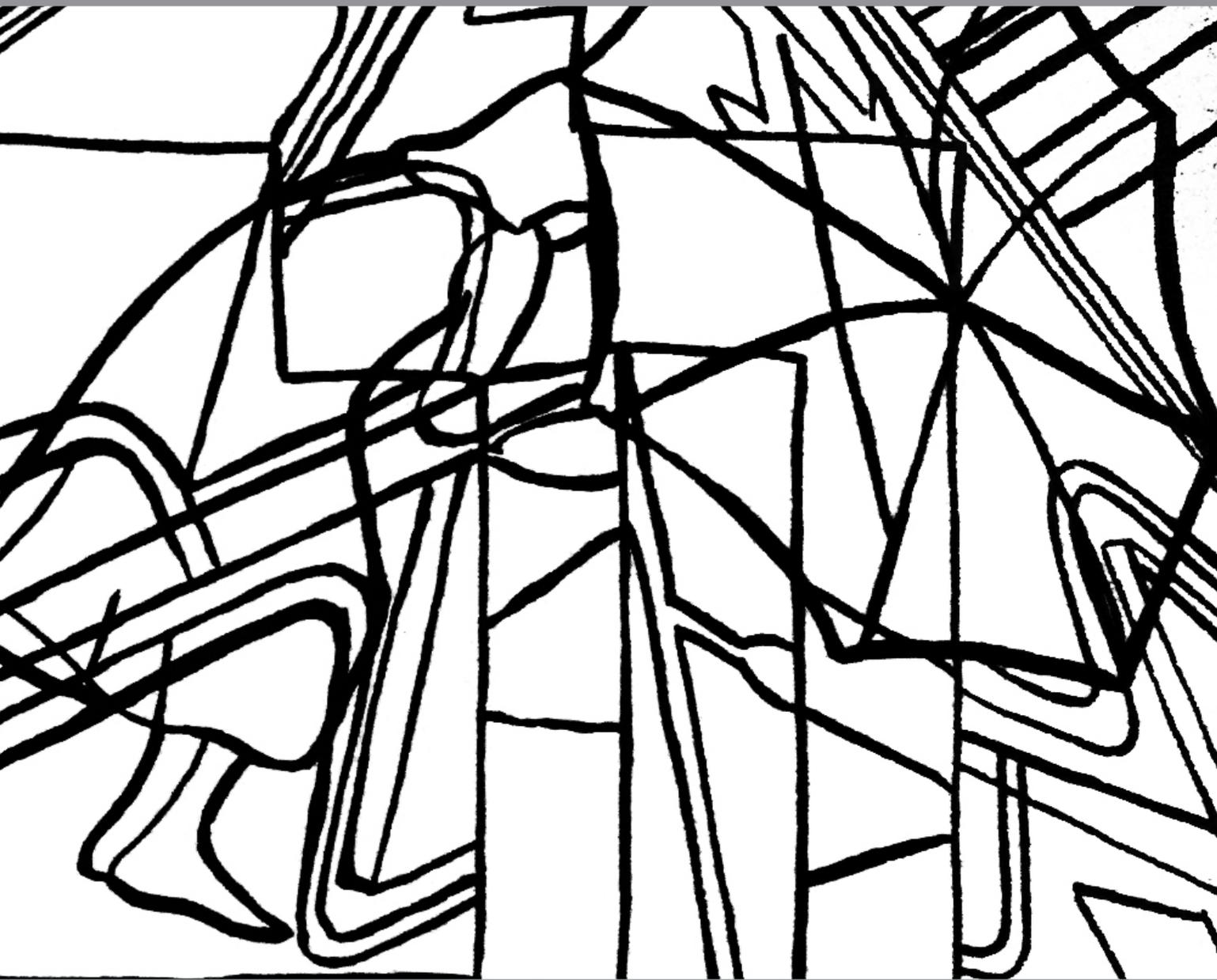
A chuva não faz barulho nenhum. Só ouço algumas gotas maiores caindo do telhado e das árvores. Reparando um pouco mais na árvore aqui do jardim, percebo o quanto ela cresceu. Quando me mudei ela era menor que eu. Hoje, ela é mais alta que minha casa. Meu pai tava querendo cortá-la dia desses. Eu insisti para que ele não o fizesse. Não acho que ele me deu ouvidos, simplesmente deve ter esquecido. Me lembro de alguns natais em que a árvore foi enfeitada com luzinhas coloridas. Achava tão bonito. Depois de um tempo, desistiram de enfeitar a árvore. Esse 'desistiram', apesar de ser em terceira pessoa, me inclui. Vejo algumas luzes acesas e

me pergunto se alguém está escrevendo assim como eu. Me pergunto se eles estão observando o mundo com tanto cuidado, assim como estou. Me pergunto se eles estão vivendo, sentindo cada batida que o coração dá. Ou se estão só dormindo e esperando o amanhã que não existe. Olho a rua daqui da frente, está tão limpa. Isso costumava ser um ponto positivo para argumentar sobre minha cidade. Hoje, isso não me agrada. Trocaria as ruas perfeitas daqui pelas sujas de São Paulo. Ela tinha razão quando me disse que eu sou a cara de São Paulo. Prefiro sujeira exposta de que limpeza disfarçada. Prefiro as pichações, que revelam

o inconformismo das pessoas do que muros claros e bem pintados. Prefiro bares abertos por toda madrugada e os semáforos mudando, vermelho verde amarelo vermelho da Avenida Paulista mostrando que o mundo não pára. Estou morrendo de frio, sentido o vento bater no meu rosto e o nariz ficar gelado e não tenho o relógio do Itaú no meio da Paulista pra me dizer a temperatura. A fumaça do meu cigarro confunde-se com o ar quente da minha respiração. Gostaria de ficar aqui por mais meia dúzia de horas, mas já não sinto meus pés. Em São Paulo não estaria tão frio, pois teria ela pra esquentar meu corpo e minha alma.

são paulo estava

# chorando



...quando  
você  
foi  
para  
outra  
cidade  
Dolores Del Fuego

**P**arece que perco a consistência. perco a sintonia, perco minhas duas sacolas cheias de cds, perco minhas duas prateleiras cheias de livros. parece que já não tenho nada a oferecer além da alma que brota da ponta dos meus dedos – e isso será suficiente pra me manter, pra nos manter? parece que já não sei voltar pra casa, que já não tenho casa – a sensação de morar sozinha é tão ruim quanto cerveja quente, quanto tragar cigarro ao contrário. contenho choro o dia todo sem querer conter, não sai, não vai, não se esvai. chamo os relógios de filhos da puta, tenho pânico de ficar num ônibus no trânsito no caos da estrada por mais de duas horas, traba-

lho por necessidade paulista e lembro por necessidade humana. lembro que eu estava feliz até dois ou três dias atrás, lembro que ainda há muito de mim pra oferecer, lembro que amor é dar e continuar dando, por mais sórdidas que soem essas palavras. terei eu algo além de mim mesma para oferecer? tenho em minha mente milhares de músicas, contos, poesias, prosas, amores que já se perderam na poluição. tenho em meu corpo calos nos pés e nas mãos, anéis delicados, pijamas inventados, chão cheio de pó, coração cheio de medo. eu não escolhi ser uma pessoa assustada, certa e incerta e que só consegue dormir com abajur e televisão ligada. eu não escolhi

a paixão como minha melhor companhia, não escolhi ser poeta ou a cor dos meus cabelos. parece que me perco na avenida rebouças, no centro ou na frei caneca. parece que bebo copos secos e secos, parece que as roupas acumulam, parece que as caixas não tem como serem organizadas, parece que não estou ilesa e que vou me machucar a qualquer instante. deveria deixar uma carta caso leve um tiro, um soco, um chute. deveria deixar algo escrito, deveria falar mais de amor, deveria já estar tocando violão, deveria já ter desistido de alguns, deveria ter insistido em outros e deveria parar de falar tanta merda sem dizer nada. já não há motivos para que gostem de

alguma coisa tatuagem dedos pés peitos pensamentos unhas gostos roupas em mim. é que **parece que perco a consistência.**

# Uma crônica, crônica.

Camila Rodrigues

**B**om dia. O gosto salgado e amargo do choro invade a boca, o Diazepam não faz efeito quando estamos no limiar: loucura e lucidez. É daquelas loucuras de pior espécie, cínica e obsessiva no açoite das verdades rudes. Depois do café quente, que desce rasgando a garganta, sinto a ferrugem que me invade e consome no prazer individual de dedilhar o violão. O que me assombra não é o fantasma dos amores que nunca deram certo, o medo alucinante que me tomba o corpo gelado, é a lembrança da menina que vive de rua em rua, a pedir moedas. É quinta-feira, o relógio, que acompanha o tilintar das moedinhas a cair nas mãos da cri-

ança suja, marca cinco horas na capital silenciosa. Ela tem algo de unha nos dedinhos machucados e imundos. Está doente. Ela me estende as mãos, não no ato de quem oferece, mas pede que eu lhe entregue alguma coisa. Penso que existem dois monstros que corroem corpos e almas. Ao primeiro chamamos de fome; ao segundo, indiferença. Particularmente, não sou do tipo que dá esmola.

Do outro lado da rua está mãe da criança, eu deduzo pela voz da intuição – os olhos oblíquos são os mesmos. A lógica do tempo perde o compasso, o pensamento é caos. Ela é esguia e lépida, mas não me vê, estou entre as árvores. Seu braço magro quase se entende e funde ao cigarro tingido pelo batom vermelho, ela tem uma beleza decadente, deprimida.

Ela mexe e as mãos e os lábios para que a fala seja inaudível. Com vontade, ela diz. Entendo o fotografo, em seu congelar do retrato.

Eu congelei, como num retrato, o movimento daquela mulher. Ela pede à filha que peça com mais vontade. Eu peço a morte e acordo do coma.

Jogo as moedas, como o apostador azarado. Corro, covardemente, com medo de olhar para trás.

Não é a dor que me entristece, ela é alimento para a solidão. É noite mais uma vez, o manto negro pode consolar um espírito demente. O terreno do sonho é inóspito e conhecido, o pavor dos sonhos que se repetem no mágico assombro inconsciente. Lembro-me a primeira vez que visitei o lugar. Eu era criança e rezava, tinha tanto medo que às vezes dormia agarrada no terço, como um cobertor espiritual. Que doce engano, todos os sonhos eram pesadelos. Naquela época eu rezava pela minha família e por todos os conhecidos, me chamavam de altruísta. Com o tempo a reza era para mim e minhas questões particulares, hoje me chamam de outros “ístas” que não convém a minha imagem pronunciarem. É um terreno arenoso e o céu é um espelho da imensidão estrelada dos pequenos grãos de areia. A criança me chama, ela está doente. Dessa vez, pego-a no colo e quando olho em seus olhos me enxergo. Eu sou a criança. Novamente corro e chego a uma porta gigantesca. Quem me espera para o julgamento é Janus, o deus romano de duas faces, que vislumbra o futuro e sabe de todo passado. A indecisão de em que lado ficar se

assemelha a minha vida consciente. Ele segura as portas e conduz ao julgamento divino. É o terror noturno, que o louco chama de velocidade terrível da queda. Os deuses me arremessam ao abismo vertiginoso, a queda é eminente, o grito inevitável, meu corpo resvala nas lembranças. Agora sem coração, Janus grita do alto.

O apocalipse luminoso me desperta, é madrugada, o sol está querendo rasgar o céu. Ele está vermelho. Eu desperto num soluço calado pelo barulho da rua. Ponho-me a janela, corpos dançam, gargalhando, bebem, são solúveis em álcool. Seus corpos são engolidos com voracidade pela violência. Eu os invejo. Posso imaginar a mulher dançando magra, cigarro na ponta dos dedos, a fumaça enchendo seus pulmões, as cinzas caem no mesmo chão onde a criança se debruça para pegar as moedas caídas.

De súbito, coloco as mãos no peito. As mãos tremem, elas procuram desesperadamente sentir o coração batendo, indício de que o sonho foi só um sonho mesmo. Enfim consigo sentir os batimentos cardíacos. Lembro das palavras de uma das faces de Janus:

- O dia é sua condenação. É a dádiva e a perdição em manter-se lúcido e desperto.



Foto: Marcos Monteiro

# Surpresa

Jéssica Carvalho

Foto: Marcos Monteiro



Era um nome tão estranho...

Ele riu com tanta calma que parecia querer me abraçar e dizer bem baixinho:

- Tá tudo bem.

Da segunda vez, o vi naquela fila imensa. Meus olhos brilharam forte.

- Olha! Eeee, olha! Aquele menino parece o Victor Bagy!

E parecia mesmo. Mas não percebi que era o menino do nome estranho. Tiveram que me contar. E aí já não me parecia

Da terceira vez, sentou-se ao lado de uma garota. Sentei-me logo atrás, e tentei descobrir se era ele por cima dos ombros e pelo reflexo da janela ao lado. Quando constatei, senti um frio entre o estômago e o coração. Não entendi o porquê.

Ele sorriu com a mesma calma de sempre. Mas não pra mim. Depois colocou as mãos em cima do caderno da menina e explicou o cálculo. Não sei se tudo ficou tão complicado por causa dos números, ou por causa do metal no anelar da mão direita.

- Ai!

Doeu. Falei com ele uma só vez e, de repente, doeu. Acho que foi porque o meu nome não estava lá, arranhado no metal polido. Ou porque não era mais eu quem se sentava ao lado. Só sei que me pegou de surpresa, usando o meu tipo de cachecol preferido, e doeu.

Sempre me pega de surpresa. Da primeira vez, estava lá com os amigos. Se apresentou e me viu corar em segun-

dos. Nem percebi que tinha dito em alto e bom som:

- O quê? Esse é o teu nome?

mais tão conveniente chegar e dizer:

- Oi! Como vai?

Deixei passar.

# O que será seria?

Consolação Soranço Buzelin

Todos os anos, lá em casa, tempo de eleições era esperado com ansiedade. Em alvoroço íamos à rua em busca das cédulas dos candidatos que, jogadas pelos carros de propaganda, se espalhavam pelas calçadas. Eram bem pequenas. Deviam medir cerca de 10x15cm. Papai juntava cuidadosamente, uma a uma, grampeava-as e tínhamos blocos de rascunho para o ano inteiro. Algumas, coloridas, eram disputadas entre a meninada do grupo escolar.

Outro dia ao passar por uma avenida da cidade em hora de grande movimento, observei um ônibus que parou na esquina. Um bando ruidoso de crianças desceu portando bandeiras e faixas enroladas. Uma menina, bem magra, colocou uma grande sacola de lona no chão. "O que será que irá acontecer?" Parece que muitas pessoas têm a mesma curiosidade, pois, aos poucos, uma multidão vai se formando.

Uma senhora gorda e baixa puxa um meni-

no franzino pela mão. Um homem de ombros largos, vasto bigode negro, calça de sarja azul desbotada, mexe nervoso no fecho da pasta tipo 007 que teima em abrir sem parar. Moleques que ficam nas esquinas dos faróis, correm em alvoroço, largando suas latas, e a água que seria usada para limpeza dos carros, escorre, tingindo de marrom o asfalto.

A garota ajeita o boné amarelo na cabeça. Ao menos, hoje ela é o centro das atenções. Não deve ter mais de 15 anos. A calça jeans apertada e a blusa verde contrastam com a pele morena. Com a voz rouca começa a gritar: Votem, votem. Este é o melhor candidato. Com ele sua vida irá melhorar. Vai distribuindo bandeirinhas, plásticos e chaveiros.

O homem de bigode trata logo de pegar o seu. Coloca-o no fecho da pasta, tentando consertá-lo. O menino agita a bandeira, pensando tratar-se de um desfile militar.

Alguém passa buzinzando e lança palavras indecorosas contra o candidato que tumultua o trânsito. A pequena multidão se dispersa cheia de medos. Os moleques correm de volta as suas latas e, ao passarem pelo menino derrubam a bandeira. Dobro a esquina, pensando em tempo de eleições, nessas nossas eleições atuais. Tempo de corrupção, construções de aero-trens, rios subterrâneos, educação e saúde para o povo. Punhos cerrados em discursos de promessas vãs. Os pedaços da bandeira, pisoteados, passam junto com a água marrom que corre pelo asfalto.

A cédula acabou. Em breve os santinhos com os rostos sorridentes dos candidatos também passarão. Mas as promessas. As promessas são eternas.



Foto: Mad



## ACERVO ALMON

Compra - Venda - Troca

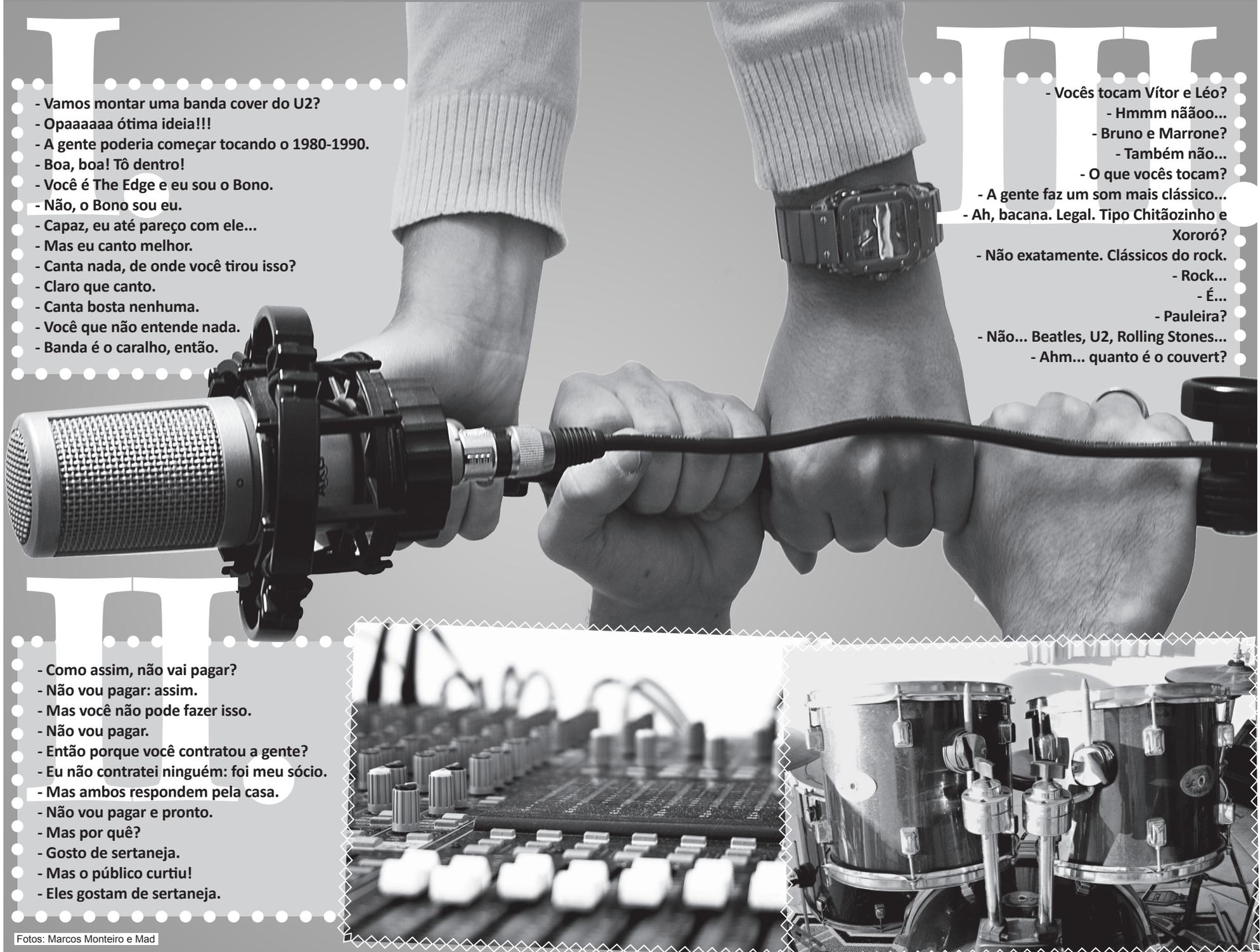
Livros - LPs - CDs - Gibis - Partituras e Curiosidades

Venha conversar com a gente! [www.acervoalmon.com.br](http://www.acervoalmon.com.br) | [contato@acervoalmon.com.br](mailto:contato@acervoalmon.com.br)  
Rua Saldanha Marinho, 459 - Centro - Curitiba/PR | (41) 3324-1360 / 3224-8982

**Você Procura e nós Achamos!**  
Está procurando alguma música?  
Algum filme? Algum livro? Nós fazemos a busca do que você deseja em todo o Brasil e no Exterior e você ainda pode utilizar o seu material como pagamento parcial ou total.

# Vida de Músico

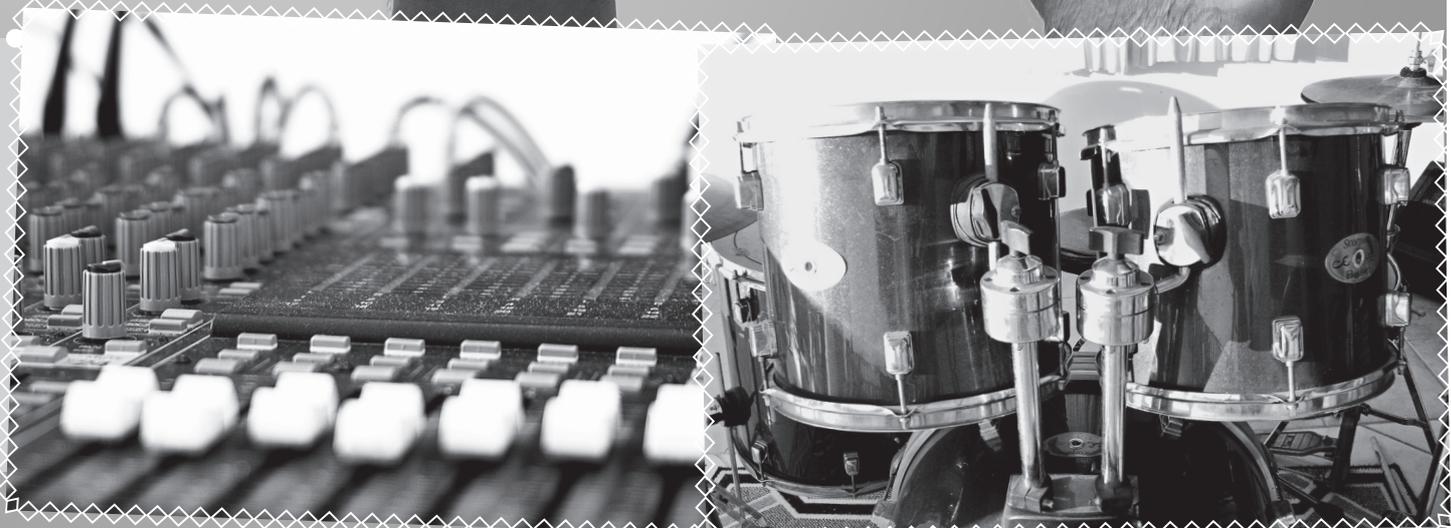
Sandi Bart



- T**
- Vamos montar uma banda cover do U2?
  - Opaaaaa ótima ideia!!!
  - A gente poderia começar tocando o 1980-1990.
  - Boa, boa! Tô dentro!
  - Você é The Edge e eu sou o Bono.
  - Não, o Bono sou eu.
  - Capaz, eu até pareço com ele...
  - Mas eu canto melhor.
  - Canta nada, de onde você tirou isso?
  - Claro que canto.
  - Canta bosta nenhuma.
  - Você que não entende nada.
  - Banda é o caralho, então.

- T**
- Vocês tocam Vítor e Léo?
  - Hmm nãoo...
  - Bruno e Marrone?
  - Também não...
  - O que vocês tocam?
  - A gente faz um som mais clássico...
  - Ah, bacana. Legal. Tipo Chitãozinho e Xororó?
  - Não exatamente. Clássicos do rock.
  - Rock...
  - É...
  - Pauleira?
  - Não... Beatles, U2, Rolling Stones...
  - Ahm... quanto é o couvert?

- T**
- Como assim, não vai pagar?
  - Não vou pagar: assim.
  - Mas você não pode fazer isso.
  - Não vou pagar.
  - Então porque você contratou a gente?
  - Eu não contratei ninguém: foi meu sócio.
  - Mas ambos respondem pela casa.
  - Não vou pagar e pronto.
  - Mas por quê?
  - Gosto de sertaneja.
  - Mas o público curtiu!
  - Eles gostam de sertaneja.



Fotos: Marcos Monteiro e Mad

## AULAS DE INGLÊS

Aulas em grupo através da música no Solar do Rosário e aulas particulares em domicílio.

**Jonice Daher**

**3019-1769 / 8403-7886**



Revistaria e Livraria  
**Zanella**

**(41) 3642-1123**



Rua Galha Azul, 269, Jardim Industrial  
próximo ao Supermercado Supra - Araucária